

The background of the cover is an abstract painting. It features bold, expressive brushstrokes in a variety of colors including yellow, red, purple, blue, and green. The composition is layered, with some areas appearing more textured and others more fluid. In the lower corners, there are elements of calligraphy in black ink, including a large, stylized character and a red square seal with Chinese characters. The overall aesthetic is dynamic and artistic.

A METÁFORA DO CORAÇÃO

POESIA

José Pulido Navas

III Prémio Internacional de Poesia
'Pilar Fernández Labrador', Salamanca



HEBEL

José Pulido Navas

A METÁFORA DO CORAÇÃO
POESIA

HEBEL

A METÁFORA DO CORAÇÃO

POESIA

José Pulido Navas

*III Prémio Internacional de Poesia
'Pilar Fernández Labrador', Salamanca*

Preâmbulo
ANTÓNIO SALVADO

Tradução
MARIA DO SAMEIRO BARROSO

Pinturas
MIGUEL ELÍAS



HEBEL ediciones

Bajo Cuerda | Poesía

A METÁFORA DO CORAÇÃO | POESIA
© José Pulido Navas, 2016.

Traducción: María do Sameiro Barroso

© HEBEL Ediciones
Colección Bajo Cuerda | Poesía
Poñén, Concepción, Chile, 2016.
www.issuu.com/hebel.ediciones

Diseño y collage: Luis Cruz-Villalobos
www.benditapoesia.webs.com

Pinturas de portada e interior: Miguel Elías
Fotografía del autor: José Amador Martín

Qué es HEBEL. Es un sello editorial sin fines de lucro. Término hebreo que denota lo efímero, lo vano, lo pasajero, sople leve que parte veloz. Así, este sello quiere ser un gesto de frágil permanencia de las palabras, en ediciones siempre preliminares, que se lanzan por el espacio y tiempo para hacer bien o simplemente para inquietar la vida, que siempre está en permanente devenir, en especial la de este "humus que mira el cielo".



III PRÉMIO INTERNACIONAL DE POESIA 'PILAR FERNÁNDEZ LABRADOR'

Um júri, composto por António Salvado, Carmen Ruiz Barrionuevo, Jesús Fonseca, Alfredo Pérez Alencart, Carlos Aganzo, José María Muñoz Quirós, Julián Barrera Prieto e Inmaculada Guadalupe Salas, atribuiu este Prémio –exaequo– em Salamanca, a 1 de Abril de 2016, à poeta mexicana Ingrid Valencia pelo seu livro "Oscúrame"; e ao poeta espanhol José Pulido, pelo seu livro "Metáforas del corazón", entre os trinta trabalhos seleccionados como finalistas, dos quatrocentos e sessenta e cinco concorrentes. O Prémio, de periodicidade anual, é instituído pela Associação para a Igualdade das Mulheres, em colaboração com a Sociedade de Estudos Humanísticos de Salamanca (Selih) e a Deputação Provincial de Salamanca.

Preâmbulo

A METÁFORA DO CORAÇÃO, DE JOSÉ PULIDO NAVAS

Dizem-nos os compêndios que essa plurívora figura de estilo por 'metáfora' designada se reclama de uma ideia de semelhança entre realidades diversas, aglutinando ainda no seu âmago sugestões que têm a ver com a valorização de 'transportar'. Por outro lado, ensinam-nos ainda aqueles que 'coração constitui o centro da alma, da sensibilidade...

E esta primeira divagação foi-nos proporcionada pela surpreendente agudeza que materializa a substância do título do livro de poemas de José Pulido Nava - "A Metáfora do coração". Na verdade, e como a leitura do mesmo nos afirma, o conjunto poético tanto se ilumina como... a metáfora do coração, como... o coração da metáfora.

Obra alicerçada numa rigorosa arquitectura, as suas partes constitutivas (O Rosto do tempo, Calendário lunar, Calendário íntimo) formalizam, com rara subtilidade e notável talento, os andares de uma discursividade formal que enfatiza fascinantemente a fulguração de um conteúdo de indiscutível originalidade.. Dissecar essa fulguração arrastar-nos-ia para um itinerário analítico que que atingiria a prolixidade - o que não faremos. No entanto, embarquemos nesse fluir do tempo (indefinível ondulação...) que deixa adivinhar o eixo essencial à volta do qual giram todos os atributos de cada poema do livro.

Sentir em si o olhar do tempo será avançar em direcção ao beijo frio do nada, pois a oscilação entre candura e desengano estabelece a via para um meteorito rebelde onde o ser e o não

ser esquecem a sua discórdia. Porém, nem sempre o nada anula a força da lentidão dos sonhos e a certeza de que o sol dourará os metais do corpo aprisionado. E não admira, pois, que, nesse fluir que é quantas vezes fuga, o poeta se sinta iluminado e que amanheça para o âmbito de outra vida, apesar de tudo ruir à sua volta. E nessa amplitude de vivências emocionalmente sentidas, afloram achegas de encontros e desencontros, e ainda: a materialidade do amor (com corpos, boca, beijos, a atracção e a loucura, e também a marca da indiferença mais saliente que o próprio esquecimento. Porque o tempo também fere quantas vezes no seu fluir; e então: abandonar o passado, pisar a terra de ninguém que é o presente? Procurar atalhos na imediatez do percurso rápido? E, no entanto, se a solidão universal da tristeza se aclara como acontecimento inesperado, uma luz certa devolver-nos-á à beleza perdida. E tudo refulge na orla familiar dos objectos, os mais comezinhos, e isto apesar de, no esplendor das coisas, começar o esquecimento, porque o amor chega sempre sem se anunciar. Que obstinação em arrebatarse ao esquecimento a fé oscilante na medição do tempo como se medíssemos as águas do mar! E de eterno o que existirá com indelével marca? A possibilidade, apenas, de descobrir que a esperança é sempre eterna.

E eis as flechas do tempo a determinarem o fazer e o desfazer, a alicerçarem a tela construída e destruída... A tela de fios do tempo- O tempo, metafórica verdade indefinível, vivido no pulsar do seu coração, relógio concreto na sua imaterialidade, balança, poço sem fundo, templo erguido em cada homem com areia (fluida) da eternidade.

É nesse 'sempre em mudança' que reveste o tempo, que melhor termo de comparação que o da lua , com seu calendário multifacetado? Folheemos então esse almanaque de surpresas, com suas páginas de nostalgia (a dor assemelha-se à ternura...),

de adormecimento (uma corça oculta persegue o desejo...) de pressentimento (adivinhar um corpo que é labirinto de sismos!...), de plenitude (a beijar todas as suas...) ainda: ou a flor da sedução, misteriosa sibila (ambígua transfiguração: mestra de miragens e de visões, senhora do deleite na raiva e das carícias, bebendo um vinho colhido na tristeza e beijando a morte--), sintoma de coincidências, ou aceitadora do ser humano, carregado de sonhos... Porque também nessas folhas se superlativa o próprio sonho, a profecia, a triste música dos deserdados... E o esquecimento...

Em confluência emocional de abarcamentos, como mensagem resumida de experiência e de sentimentos, acalenta-nos, como surto epigonal de tantas peculiaridades, um calendário íntimo focalizado no sublime tremor de uma carícia, no baptismo da aurora, no esplendor das ilusões, no nascimento da primavera. E, a propósito desta última singularidade, tão 'plasticamente' atractiva', encantatória e luminosa, não hesitamos em legendar com ela as conhecidíssimas pinturas de Botticelli "A primavera" e o "Nascimento de Vénus". Olhemos na pintura e no poema esse primeiro traço: o seu seio é um lar de eternamente partir, ao eternamente regressar".

E de múltiplos e similares' exemplos se padroniza este belíssimo livro de José Pulido Navas, em tudo merecedor do prémio de poesia.

ANTÓNIO SALVADO
Castelo Branco - Portugal

I

O ROSTO DO TEMPO

O que é, então, o tempo? Se ninguém me perguntar sei, mas se quiser explicá-lo a quem me perguntar, não sei.

Santo Agostinho

A FUNDAÇÃO DO CALENDÁRIO

Aceitei a ferida do instante e a sua beleza,
os preceitos da recordação.
Escritos em cada cicatriz,
os manuais do sobrevivente,
a lenta aprendizagem do esquecimento,
a chama que acende o tempo
como lenha na lareira da memória.
Acolho-me a este lugar sagrado
que guarda as páginas de areia,
apascenta o rebanho dos dias
para cingir com o seu anel o disperso
coração da rotina, dar forma
ao medo, sentido à esperança.
Este antigo alfabeto do desejo
escreve os cantos da chuva e cai
com as folhas de outono
enquanto guia o regresso das aves
cujo voo replica na água da lagoa,
os girassóis que levam agarrados ao sol
com órbitas tenras de verde e amarelo.
Estendem a escala de chuva, um arame
de acrobata entre a vida e os astros
concertando os movimentos da terra
e as suas aparentes simetrias, as suas figuras,
o mundo dos homens e a dança
de nebulosas que engendram as estrelas.
O abismo sem fundo da noite
e o que se abre sob as minhas pálpebras,
cabem no círculo de uma pupila,
passam, como o fio enfiado numa agulha,
pelo pulsar do meu coração, e desperta-os
um cheiro a pão quente ao amanhecer,

quando a vida se torna amistosa,
entrega no que é pequeno o seu prodígio.
Só preciso do anel das estações,
do casamento secreto com a luz,
para sentir em mim o olhar do tempo
e pintar um rosto que sempre regresse.
Imploro o seu favor, pelo menos o seu consolo.

HISTÓRIA DO TEMPO

Quando nasceu o Universo, há 14.000 milhões de anos, a sua explosão inicial deveria gerar a mesma quantidade de matéria e de antimatéria: Duas forças opostas, irreconciliáveis, que, ao entrar em contacto, se aniquilariam num estrondo violento, definitivo, estéril ...

Mas as coisas não acontecem assim.

As cartas vinham marcadas.
Talvez não pudesse ser de outra maneira,
pois o equilíbrio em si se conclui
e a si mesmo se limita.
A realidade foi escolhida, mas nunca
esqueceu o beijo frio do nada,
a aposta de um revólver apontado à têtêpora.
Foi-lhe entregue o tempo
e tudo a que aspirou na vida
recebeu o salário da morte.
Descobriu a perda na sua plenitude
que foi o seu mais precioso bem,
o único que pôde reter
entre todos os que, ao cumprir-se,
lhe foram arrebatados pela vida.
No segredo do seu coração sente, vazio,
o buraco do verme onde o nada espera.

PULSAÇÃO

Invisível, a rosa do pulsar
abre-se no coração,
atira ao ar a sua moeda e levanta
num salto mortal sobre o vazio
os andaimes do instante.
Viajante imóvel o seu galope,
ascensão ao tremor no limiar
onde os amantes constróem palácios para o desejo
com a desnudez única das suas carícias.

O pulsar rima marca e se compassa, soa
como a funda respiração do mar.
Oscilo entre candura e desengano,
o pecado e o dom que em nós se fez
contradição e ironia, jogo
de sombras e de sangue.
Na sua caverna de alquimista
sublima as paixões do barro
expressão musical das esferas.

Sem a sua tenacidade o coração esquece
a condição do compromisso,
que na respiração lavrou a sua melodia
e se detém.
O vinho derrama-se e não apagará sede alguma.
O canto pára.

LAPSUS

Na dissolução do sal entre as águas
encontram-se os reinos do ensimesmado,
o viajante que embarcou na nave das fadas
e se afasta de todas as margens.
Sou então um meteorito rebelde
onde o ser e o não ser esquecem a sua discórdia.
Provei a fermentação do esquecimento,
a libertação do instante;
quebrei o elo da sua cadeia ...
Mas não estava lá para contar.

O TEMPO DA ESTÁTUA

Na estátua do parque demora-se,
inquietante, um sucesso não acabado;
a dor do titã acorrentado
às portas do tempo, que o ignora.

Lentidão dos sonhos, o sol doura
os metais do corpo aprisionado,
que a ferrugem do bronze arrastou
e a fleuma do fungo devora-o.

Tempestade detida, trajectória
de dura lucidez acorrentada.
Enigma que suplanta a memória.

Condenada ao juízo do imóvel,
à frase ausente de uma história
que terá que resolver somente o nada.

FUGA

Regressam de repente. Clarões
-É o que estou a palpar; e é manhã-
um presente tão vivo e tão claro
que os meus lábios ainda bebem nas suas águas.

Chegam como um tremor subterrâneo
que outro tempo em meu sangue despertava,
como figuras numa tela em branco,
como portas fechadas sobre os meus passos.

Por outro sol me sinto iluminado.
Amanheço para o assombro de outra vida
pois tudo quanto soube ruiu.

Outra verdade pressente a sua medida:
abolida a certeza do jogo,
a aposta que negou os seus próprios dados.

ILHA DO TESOURO

Navegámos no barco pelo rio.
Somos Tom Sawyer, os proscritos,
a alegre tripulação de John Silver " El Largo"
dirijo-me para a ilha do tesouro.
Guia-nos um mapa rasgado no bolso,
geografias luz, areia e água,
elevadas e desfeitas enquanto flui
a cidade em chamas da tarde.
Ali, a recordação, como a pedra
que uma criança atirou da margem,
é agora pássaro que salta na água
e deixa o testemunho da sua passagem
em círculos concêntricos, cada vez
mais longínquos, depois da sua queda
no domínio silencioso dos peixes.
Ali, dormem os tesouros perdidos:
a minha mais preciosa navalha, uma fotografia
e a dedicatória no seu reverso...
Tantas riquezas atiradas à água.
Juntos começámos a viagem,
juntos chegámos à margem
e cada um pisou uma praia diferente
um lugar onde não havia mais nada.
Só partilhamos a nossa saudade,
a sua luz de farol no meio da noite
que segue as marcas da emoção
de pele escorregadia que arrebatava
farrapos de esplendor aos naufrágios.

O TEMPO DA DANÇA

Na ardósia do ar formula-se
esta equação que concerta o eterno
e o momento sublime do instante,
a perfeição da sua figura sem retorno
nos delírios de Geometria
e uma obscura intuição do sagrado.
Saem para o cenário do seu corpo
as máscaras do sorriso e do riso,
o oráculo de um gesto preciso
onde toda a emoção se manifesta
como um passo de dança em liberdade
e no relâmpago das suas esculturas.
Ajusta aos preceitos da forma
o indómito percurso do seu sangue
e o tempo é argila em suas mãos.
Na fértil matéria da sombra
engendra uma beleza que consuma
o fulgor do instante na sua extinção.

ENCONTROS

Sucede quando encontramos.
Por vezes, procuramo-nos, outras
reune-nos o acaso
e apareces de repente. O teu sorriso
liberta o raio de alegria
que ilumina um momento adolescente,
uma límpida ilusão que tudo espera,
com a certeza de não ter vivido nada tão belo
nem assomado a outra vertigem
como este voo anterior às palavras,
que elas não podem reter
na transparência das suas redes.
Depois, precipitam-se vinte anos
como uma avalanche de peixes vivos,
idéias que se confundem e sucedem
com coerência peregrina,
um recado para ti que eu não devo esquecer...
Na cumplicidade da surpresa pergunto-me
se teremos tocado o amor.

TEMPO DO BEIJO

Quando duas bocas se beijam
estabelecer uma complexa troca de sinais,
mensagens com a química de espécies e gerações,
mecanismos atávicas dos corpos que se buscam
e aceleram ou param, caprichosos,
no esfomeado meio-dia dos seus lábios
ponteiros do relógio.

Pouco servirá dar-lhe um nome
para se entregar a este urgente sonhador,
a esta atracção que não tem memória,
que tira o sangue de seu curso
e veste de festa as manhãs de segunda-feira.

A esta loucura tão doce como o anjo
que arrancou os olhos e se atirou ao abismo.
A sua desmesura anuncia a abundância
nos afazeres do dia e nas insónias da noite;
desígnio que nos escolhe quando escolhemos,
que saldou as suas contas e nada guardou
para ser o rio cujas águas nos reflectem.

Desconcertante batalha libertada no prazer
dos corpos que se encontraram.

O seu fragor vai para além de qualquer hipótese,
de qualquer conclusão.

Proclama a sua rebeldia contra um tempo
implacável na consumação da sua carícia,
reclama para si toda a vida
e não há lugar, nem desejo, nem minuto
que escape à sua ordem.

Teme mais a indiferença do que o esquecimento.

A FERIDA DO TEMPO

Nunca abandonamos o passado.
O olhar não sabe entregar-nos o presente,
perdido na sua terra de ninguém.
Do silêncio que esquece
à inocência que espera,
todas as imagens e as músicas,
todos os sabores, cheiros, toques...
são constelações da memória,
figuras do que nunca possuí.
A elegia é a única linguagem sincera,
a única ponte que atrevesse o abismo.
A tarde é bela porque sabe que é efêmera
a luz e a sombra entre as ruínas,
a intuição do infinito
sob a rosa fechada das pálpebras.
Em um ponto de esquecimento cabe todo o tempo
e a existência não se mede por anos.
É tão extenso um pulsar que ninguém
voltou para além de seus limites
para o contar.
Impossível conter a ferida em sua fuga.

PRESSA

Levanto-me muito cedo.
Corro até ao autocarro, apanho o comboio, o avião,
procuro atalhos para ganhar tempo
ao tempo que me ignora e me condena
a descer um rio
cujas águas não saciam a minha sede.
Não me detenho nas coisas
nem tenho o seu coração: deixo-as para trás
enquanto a minha sombra resvala nas paredes
para procurar o imediato sem demora.
Quanto mais o conheço, menos vida cabe
num tempo incapaz de iluminar
a acidentada geografia do instante
e recolher os seus frutos. Esqueço
que quando chego a casa é já muito tarde
e não havia ninguém para me esperar.

CANTAORA

A tua voz é a ferida, a febre
e a água que sacia a sua sede.
Uma viagem à noite mais menina,
aos seus primeiros terrores
e à antiga dor do mundo,
um voo em vassouras de bruxas
nas sombras que o sonho liberta.

Teu canto nasce no sangue,
vem do feitiço da lua
onde começa a maldição
e acaba a prece.
Invoca nas borras do vinho os que
só no sofrimento se conhecem
e sobre eles fundaram a sua linhagem.

Senhora da luz que o pranto conforta,
afias na pedra do tempo o queixume,
uma culpa anterior ao pecado.
Fendes o silêncio com facas de prata
arrancada às minas do duende.
Ungida em cânticos de óleo e de sal,
pronuncias a solidão universal da tristeza,
a queixa do barro ao sopro divino.

Dás-nos a beber um cálice que convida
à sede da terra; que nos envia
ao mistério por trás da sua estrela de anjo.
Secreto um poder na tua boca espera
devolver-nos a beleza perdida,
a plenitude do instante aceso
que cobriu de nostalgia os nossos mapas.

O TEMPO DA NEVE

O frio desprende a plumagem da neve.
O seu canto silencioso cobre a ossatura
das árvores desnudas,
a fadiga dos velhos edifícios;
adormece entre os seus lençóis o musgo da tarde
sob a canção de embalar de um céu de metal.
A neve concede-lhes a solenidade do templo,
um parêntesis que convida à oração,
uma linguagem suave, desprovida de sintaxe,
nos arrabais da ternura.
Ameaçadores surgem dos lares do frio
a perda e a sua revelação
numa solidão sem limites que amamenta a névoa.

UMA VELHA CIÊNCIA

Quando Ana leva as verduras na mão
como um pássaro de cores
que afogou a impaciência de um menino,
abre a Primavera na cozinha.
Pica a cenoura com a faca,
unta com óleo a acelga, a cebola, a batata...
e põe a panela ao lume.
Embalam-me as brasas da casa,
o tempo guarda-se em frascos na despensa,
na memória branca do pão
e na doce promessa do marmelo,
na voz de uma mãe que nos chama para a mesa.
O mundo acaba
na orla familiar dos objectos,
na colher com que se prova o guisado,
as rachaduras na louça, os mapas da toalha de mesa.
É um lago de águas calmas
e lenta luz.
Enquanto se cozem fervem as canções
das verduras e seus aromas,
escutam-se as fábulas do caldo quando ferve
e na penumbra o sol irrompe,
depois a panela destapa-se em cima da mesa.
Já servida alcança a plenitude:
Agora é alimento, uma pátria de sabores,
uma ciência antiga, amável e sem dor,
que Ana cultivava com receitas
na paz da sua cozinha.

RALUCEPSE

O outro lado leva do morrer ao nascer,
do juízo à inocência,
do esquecimento à recordação e de este
à plenitude do acontecer.
Vai do teu adeus ao teu encontro,
da tua ausência à tua carícia,
do desespero à ilusão.
Imprescindíveis os seus zeros à esquerda.
A realidade deveria estar nesse outro lado
o jypse led.

TEMPO DO NARRADOR

Tens uma rede invisível de palavras
para capturar as aves mais pequenas
do sentido, do seu pólen ínfimo.
Moves uma engrenagem alada,
fazes brilhar na noite mecanismos
que dissolvem a solidez da experiência
e cumprem o desejo mais humano:
recuperar o perdido, a maravilha
de uma gota onde cabe todo o mar.
Da personagem ao nome que a procura
aspiras à compreensão da água,
onde as coisas vêem e sabem
que em seu esplendor começa o esquecimento.

VÉSPERAS

Levanta-te e olhar pela última vez
a janela para teres a certeza
de que nada te espera diferente
do outro lado do sonho,
no despertar cinzento da manhã.
Levanta-te, toma um banho, cumpre
pela última vez a rotina
sem um objectivo diferente do habitual.
Toma ao pequeno-almoço o café com torradas
de uma indiferença
que nada espera arrebatat ao dia.
Veste-te, sem desafiar a prudência,
sem uma paixão como motivo
para abrir a porta da tua casa,
embarca em direcção ao prodígio
na paragem de autocarro,
A véspera é uma celebração
que nada sabe nada de si mesma,
um comboio que ignora a sua próxima paragem.
Encaminhas-te para o destino da rosa.
O amor chega a ti sem se anunciar.

EFEMÉRIDES

Parece infantil este empenho,
obstinado em rever o que já foi
e arrebatá-lo ao esquecimento.
Contá-lo talvez como gostamos de acreditar que aconteceu
e pôr fé nessa história.

Medir o tempo como medir o mar,
contar as ondas para escolher uma,
pentear a espuma da sua grande cabeleira
e dar-lhe um nome na fuga à sua incerta memória,
lançar as suas redes para lhe arrancar um sonho,
um destino que justifique tanta ausência.

Conhecemos o veredicto dos dados
antes de os voltar a lançar,
pronunciamos resolutos a palavra
que talvez nesse momento não foi dita
e agora parece tão evidente e necessária.

Temos a exigência de ser homens.
Cumprimos um mandato imperioso
pelo qual a recordar é viver.
Palavra do tempo é a memória
e só à sua luz podemos entender a vida.
Montada descontrolada ou rio sereno,
só nela se deixa acariciar,
contemplá-la longamente...

Livres do agora rebelde que desdenha
da fragilidade dos nossos planos,
não aceitaremos os decretos da ausência,
não renunciaremos à nostalgia,
não calaremos a pergunta sem fim
da nossa identidade.

O TEMPO DA POESIA

*Não temos raízes na terra.
Não estaremos nela para sempre:
só um breve instante.
Também o jade se quebra
E o ouro irrompe e até que a plumagem
do quetzal se desprenda.
Nezahualcoyotl*

*Recorde a alma adormecida,
avive o cérebro e desperte
contemplando
como a vida passa,
como se a morte viesse
tão silenciosa.
Jorge Manrique*

Jorge Manrique e Nezahualcoyotl; o nobre de Castela e o senhor de Texcoco:

Chefes de homens na guerra, solitários no combate do silêncio e a palavra,
assomam de um lado e de outro do espelho à pergunta interminável do mar.

Quando Manrique adverte quanto à brevidade da existência e à vaidade das glórias deste mundo em versos de sonora enxúndia castelhana,

o aztec responde-lhe com a frondosa sonoridade do nauatl que não mais que um instante. O seu esplendor, como a pluma esmeralda do quetzal, está condenado a perder-se.

Sabem que a aventura só volta a sê-lo nas palavras que a contam, a distância no regresso do viajante, a oração no sangue ao herói se elevou de entre o seu povo, o

desejo manifesta-se com o amor. Mas não morre com ele.

Para lá do tempo e da distância, sobre um abismo nunca atrevessado, no coração da sua língua, os poetas falam sobre a mesma dor, a mesma ferida, a lucidez sem descanso de ser homem.

Unidos na mais profunda irmandade, num mesmo e nostálgico olhar perante a morte.

ETERNIDADE

Será a eternidade o despertar
num único dia, um tempo escolhido entre todos
que guarda o tremor da primeira vez?
Não importa o nome, a data, o acidente.
Importa a tatuagem de fogo,
o rito que guarda a marca indelével,
o sol que pastoreia os seus azuis
e o espanto das crianças.
O vendedor de balões e o estrondo dos foguetes
que na praça dispersa um plácido marulhar de pombas.
Desfilam os gigantes de papelão, as confrarias,
os soldados que escoltam a imagem da Santa.
É uma peregrinação que sempre começa,
uma emoção que nos precede
e em nós se prolonga e avança para mais além
com uma fé que nada sabe de si mesma
como quando se toma o pão, um livro, se regam as pegas,
porque nela coincidem o passado e o futuro,
compõe entre todos a secreta figura da sua iluminação
e ao encarnar nos torna humanos.
Descobre que a esperança é sempre eterna.

TAPETE

As flechas do tempo

O fio sonha descrever as formas que nunca têm fim, a sua longa
VIAGEM
enredado nas agulhas do tear, que corta a morte com asas de
tesoura.

INAPREENSÍVEL

A flecha do tempo voa para o ponto sempre em fuga

DE UM INSTANTE

só compreensível se for narrado e se se interrogar, se inventar,

NASCE,

no trajecto do braço que enlaça a cintura, na feitura do jarro
até ao seu quebrar estrondoso quando

CAI

e a sucessão do relato fixa o rumo, a sua aventura frente ao
nada, reverso de

O INEXPLICÁVEL.

É um mar de uma linha, um texto com signos de

MARULHO

que acaricia raízes de cores nos limites do tacto. Lança a sua
rede

AO AR

e envolve pássaros esquivos no tempo perfeito

DA IMAGEM.

Simultaneamente, contempla a tela que Penélope tece

E DESFAZ,

resolve-se na iluminada consciência, nas suas cinzas

RENASCE.

A luz e o olhar ordenam, separa em frações bem medidas

O INCESSANTE.

O REGRESSO

O regresso grava-se na espiral
que envolve o coração da árvore
e a dança das estações marca os seus anéis
vai da promessa à rotina
depois de não ter chegado o dia tão esperado.

Regressa o que partiu com a esperança
de que a viagem lhe entregaria os seus segredos
e são outras as respostas que encontrou
às perguntas que o levaram a partir.

No final, pouco importará a culpa
se no fim apenas o esquecimento espera
e não encontrarmos o consolo
quando mais dele precisamos.
No final do sonho que todos esperavam
descobrimos o pântano que começa
ali onde mais belo parecia o regresso.
Houve um momento em errámos no caminho
ou todos os caminhos levavam ao fracasso
e nosso amor pareceu-nos belo
porque lutou sem se importar com a derrota.
Neste porto a maré recua
e anseia tempestades
de um oceano que já não há-de cruzar.

A METÁFORA DO CORAÇÃO

Metáfora do tempo, o coração
encarna o seu fluir no pulsar,
relógio vivo que nas flores do sangue
desfolha os segundos
com lentidão, com suma urgência.
A sua emoção é a única medida.
Escrito na pele um memorial de cicatrizes
guarda para si a que mais dói,
cuja verdade íntima só a ele interessa.
É o templo erguido em cada homem
com areia da eternidade,
o palco para um só actor
que conta a sua tragédia apenas num espelho
num monólogo de muitas vozes.
Poço sem fundo, o coração, o tempo
que nele ficou agarrado,
á a balança com que pesa a vida,
o relógio que a mede, a lente que a observa
e embeleza o instante na lupa da sua luz,
chora a sua ausência no cego apetite do presente.
Metáfora do coração, o tempo
estende as suas asas pela minha carne,
encontra a existência o seu sentido,
aprende a amá-la enquanto parte
e não pode retê-la.
O coração gasta o seu tempo, não lhe importa
a espada de um cabelo suspenso,
a sua flecha sobre o arco, prestes a partir.
O punhado de moedas que leva no bolso
paga o primeiro café da manhã,
apanhando o autocarro no último momento,
a chamada que nunca recebeste.

Instantes que são vida, que ferem quando passam
e deixam no coração a sua marca, a sua música,
o seu olvido.

II
CALENDÁRIO LUNAR

*Luas! como governas como bronzes
sempre em mudança, sempre em voltas*

Miguel Hernández

LUA DA NOSTALGIA

Os cristais da sua voz provocam
este doce tremor que regressa,
negação e carícia, à nostalgia
a que consagrou a sua melodia.

Uma sábia canção em que a dor
se assemelha à ternura. O mesmo
e antigo amor nunca abalou,
a juventude não há-de regressar.

Derrama sobre a pele um belo calafrio,
uma chama que o tempo arrebatou
e as águas da sua ausência meditam.
Terra da promessa nunca alcançada.

LUA ADORMECIDA

Dormir como uma fogueira ensimesmada
na violenta penumbra do teu corpo
que sabe a pão escuro e sal,
a intimidade vegetal, raiz e maçã
na folhagem do sexo.

Sonhas como um lago sob a chuva,
entregas-me às paisagens do tacto,
à carícia que se enciúma na tua carne
e amadurece com os frutos da chama.
Chamas-me ao coração da espécie,
corça aculta que persegue o desejo,
mulher adormecida que vigia o seu amante.
Na noite que ilumina o teu sonho
um lobo canta à lua urgentes
canções de amor que convocam
na pele uma antiga memória
de obstinadas marés, tão fugaz
como a asa do pássaro
que voa impaciente no sangue.

LUA DO PRESENTIMENTO

Um corpo é um labirinto de signos,
uma sabedoria anterior ao pensamento,
que não suporta o seu domínio e confunde
os intérpretes mais avisados.
Ler os seus textos ainda não escritos
exige um olhar que prediz
a meteorologia do soluço,
colhe as amêndoas de um amor
cuja doçura ainda não brotou.
Por vezes, anuncia um veneno mortal,
por vezes, um remédio que o cura.
Anunciado na certeza, habita
espaços que um dia serão lar e
conhece já a dor da sua saudade.
Proclama o desfecho da história
no vazio limiar do seu início.

LUA CHEIA

Receitas com panelas da casa,
leite de estrelas à meia-noite,
abóboras e cinzentos vestidos de cinza
que as fadas tecem com as suas longas ausências.
A alquimia da menina em seu fogão
acende uma fogueira de sombras,
um fascínio subtil que desperta
o obscuro poder dos submissos.
Os tules da noite despenham-se
e a sua pele e emerge como uma praia
que amanhece, um vôo de cabelos
sobre a rosa negra do prazer.
Lua itinerante pelas ruas,
os seus beijos sabem à vertigem,
fazem coincidir a embriaguez do prazer
com a atenta vigília da fera.
Toda a transformação será possível
quando entrares pela sua mão no país
onde o desejo nos interpreta, escolhe
a forma e o acaso dos encontros.

BEIJASA MARILYN NOS ESPELHOS

Quando Marilyn deixava abrir a saia
como uma flor, provocando
o hálito quente dos subterrâneos,
descobriu a sua condição de deusa,
alimento de sonhos e de signos,
ideal de esfinges,
mais lua que mulher.
Entrou naquele quarto de hotel,
de que já não regressaria,
com os seus comprimidos para dormir
e a cruel revelação da almofada.
Sabia que era Eva e Ava, Rita, Marlene e Joan ...
-Flor de sedução
a sua lingerie rasgada
entre os dedos torpes
de King Kong.
Para a cerimónia
cobriu o seu corpo com um vestido comprido
muito cingido, luvas compridas
e sapatos de salto alto.
O busto erguido, os lábios
proclamando a sua iminente carícia.
Desafiante, abandonou a passarela
e, só no final,
beijava-nos, infinita, nos espelhos.

LUA DA SIBILA

Averiguo a mórbida embriaguês dos teus perfumes,
o deleite da tua raiva e das tuas carícias,
o escândalo das tuas profecias,
pois os homens comprazem-se em negar o evidente.
No trono do destino oficias as artes negras
da palavra convertida num bosque de ruídos
de que se apropriam os lobos do medo.
O teu oráculo é uma lenta destilação
da memória e o óxido que pulverizou as suas chaves,
a libação de um mosto derramado
nas areias movediças da recordação.
Mestra de miragens e visões
a tua voz interpreta o tremor do musgo,
a sabedoria da névoa;
desce por ravinas de noite, fios de luz
que despertam os diamantes nas profundezas
e comovem o triste coração do lago.
Como uma menina que brinca diante do espelho
inventas harmonias peregrinas,
desatas o delírio na razão,
o desconcerto nos acomodados,
danças um bailado nupcial na sepultura
da tua mesquinhez satisfeita.
Abres as portas ao pesadelo
no sonho febril dos amantes,
depois da separação que apartou
o insaciável abraço da sua entrega.
Bebes um vinho colhido na tristeza,
teces uma rede de prata sigilosa
para agarrar o pólen dos sonhos ...
Descubro que passaram vinte anos de amor
enquanto beijava a morte nos teus lábios.

LUA DA COINCIDÊNCIA

Mais uma vez me provoca e desconcerta
nos números no teu telefone e no da minha casa,
nas datas que encadeia maliciosa
com os baralhos da simetria.
Equação matemática e receita de bruxa,
inventada nas ardósias do acaso
os arabescos do paradoxo,
a disposição exacta dos acontecimentos
até formar uma imagem que quisesse
entender o meu coração.
Escapa como a água por entre os dedos
e regressa à praça aberta do dia
onde o passado se repete, insiste
na chave deste número tenaz
que faz sempre o caminho de regresso.
O seu enigma irmana o homem que fui
e o que serei ao virar da esquina.

O HOMEM NA LUA

O Homem da Lua converte-se
em lebre, em rã, em cavalo ... Distinta
é sua forma cada vez que o olhas,
caprichoso escultor da sombra.

O Homem da Lua leva ao ombro
um grande saco carregado de sonhos
e a eles concede o desejo e a dúvida,
a visão do espectro,
o seu calafrio como um licor de orvalho.

O Homem da Lua atravessa o espelho,
passa da adivinhação ao destino,
do filtro de amor ao pesadelo;
desperta na paixão da estrela
a luxúria de uma eterna mudança
um sonho que ao realizar-se nos transforma
para com ele morrer.

LUA DO SONHO

Nos meus sonhos escrevo sobre um papel
que apaga as palavras no instante,
se empenha em destruí-las, ocultar
do presente uma visão cujo prazer
gostaria de partilhar contigo, trazer do outro lado
o seu vivo pictograma de insecto,
a sua pedra nocturna arrancada ao enigma.
Escrevo sobre uma memória calcinada
pelo cego fulgor da sua experiência
e temo despertar com um papel em branco.

LUA DA PROFECIA

Conheço essa mulher cansada e ébria,
vi-a derrotada no meio da noite.
Um menino puxava pelo seu braço, tentou
levá-la para a sombra,
para um local sem testemunhas da sua angústia.
Ela queria falar, talvez pedir protecção
ou anunciar a sentença que nos marca
desde o dia em que tudo foi possível
até que o espantinho da indiferença.
Os seus lábios não encontram as palavras,
não condenaram a sua profecia a ser cumprida.
Desapareceu na noite com o menino
e sempre esperei o seu retorno.

LUA DOS DESERDADOS

A música dos deserdados
e a sua cabra amestrada que dança
um bailado feroz no meio da rua,
atestam a nossa rendição sem condições,
vendida por umas poucas moedas no prato;
a obscenidade dos decretos
sobre o silêncio que convém às vítimas,
a burocracia do verdugo
que as afasta indiferente da vida
com a tristeza da árvore abatida
e os olhos do cervo que arrasta o caçador
enquanto a manada se afasta a salvo.
Implacável esta dança acusa-nos,
como o cristal depois da pedrada,
abre as suas asas de pássaro furioso
e entrega uma lucidez que se sabe ser final.
Embora se perca no ruído e a disfarcem
com velhas melodias de circo e de verbena.

LUA DO ESQUECIMENTO

Lua a quem ladram os cães do medo,
rio de música que cala os seus violinos
e ensaia o desaparecimento enquanto devora
o caracol luminoso da recordação.
Lenta é sua caligrafia
como a obsessão da neve,
sangra a sua palidez no cristal quebrado
de uma janela
e atira-se ao poço do quarto vazio,
afunda-se no seu frio manancial
de esquecimento.

LUA NA ÁGUA

Escutarás a sua voz sobre as marés
como gritos de uma cólera antiga
que anseiam o encontro dos corpos
para que o abraço mais cruel seja possível.

Remontarás ao curso das águas
até ao amanhecer na gota de orvalho,
até ao pranto que guarda a sua memória
no sal de uma lágrima primeira.

Beberás nas fontes da sombra
a chama glacial do seu reflexo,
a amargura do desejo negado,
a terrível confiança da máscara.

III
CALENDÁRIO ÍNTIMO

Tudo tem o seu momento e tudo o que se faz sob o sol tem o seu tempo.

Eclesiastes 3.1

PRIMEIRA ESTAÇÃO DE AMOR

Quando passeava no parque
com aquela noiva do Instituto
e a chuva dispersou as parselhas
para os passeios mais solitários,
não soube que abria um velho caminho
de corações gravados e iniciais
por onde a vida se obstina em passar.
Despertaram as seivas, os felinos ocultos,
cada instante desmornava as suas torres
para deixar o mais rico presente
num voo de flecha acesa
que ainda ignora a dor da ausência.
Não importa que seja esta recordação
o último cêntimo de tanta fortuna.
O amor é um caminho no parque
para o que gosta de voltar pelos seus passos,
que regresse a chuva e desperte
na doce intimidade do guarda-chuva
essa obscura presença de fogo
que levanta o seu trono no sangue
e nas mãos que se tocam liberta
o sublime tremor de uma carícia.

FESTA DAS LUZES

Ginetes do cavalo e da noite saltarão
sobre o zeloso país das chamas.
As suas figuras de totem esculpem
um meteoro fugaz no ar
que é a um tempo desafio e primórdio,
marca mais pura da sua estirpe.
Vibra nas ruas um metal duro
de trevas quando o ginete irrompe
e entra nos seus frios espelhos,
mais além da vida e da morte;
relâmpago de sombra, pictograma
traçado com cinzas de sonhos.
Arde a folhagem de um tempo exausto
na carnívora flor das candeias.
Por fim, depois da agonia das brasas
e das febris liturgias do fumo,
recebem o batismo da aurora,
a absolvição de um novo dia.

CARNAVAL

A dança de luz e das trevas,
os jogos do caçador e a sua vítima
que enredam ou mudam os seus papéis,
o disfarce que provoca a miragem
como suprema expressão da arte.
Em seus fogos de artifício rompe-se
a decoro, o hábito, o medo
acariciado e diário que deforma
os espelhos, perde-se em labirintos
de imagens terríveis e enganadoras.
No promiscuidade das cores
ou nos falsas afagos do ouropel
a vida comete o seu pecado original,
despreca mil anéis de serpente
e na sua rede de formas, no seu abraço,
reinam com esplendor as ilusões.
Pelos bosques do sonho e suas esfinges,
no denso emaranhado dos signos
separo sombras, máscaras vazias
depois da página em branco da pele.
Onde seja livre a pergunta do tacto
e sincera a resposta da luz.
Na poderosa raiz do nome.

O NASCIMENTO DE PRIMAVERA

Ela pinta-se diante do espelho.
Desnuda emerge de suas puras águas
e começa um longo ritual, como a terra
que cobre o seu corpo com flores e aromas
quando chega o tempo de amar,
quando a vida chega.
No éden do seu rosto deposita
orvalhos de toranja, brumas de rosa,
uma chuva de mel nas pontes das sobrancelhas
onde o olhar é um lago pensativo,
uma doce meditação do céu.
O seu sorriso separa-os surpreendido
como a pedra turva em círculos
a água parada quando a olhas.
Ela pinta-se no espelho.
A luz e as trevas cobrem o seu corpo,
os jogos do caçador e da vítima
que trocam os seus papéis,
os véus da aparência,
o disfarce que provoca o engano
como suprema expressão da vida.
Na promiscuidade da máscara e da pele
oficiam-se as cerimónias do prazer e da culpa,
o tempo desprende os seus cabelos de areia,
multiplica as perguntas do tacto,
confunde as respostas da luz.
O seu seio é um lar do eternamente partir,
ao eternamente regressar.

ÍNDICE

Preâmbulo	9
-----------	---

I

O ROSTO DO TEMPO

A fundação do calendário	15
História do tempo	17
Pulsação	18
Lapsus	19
O tempo da estátua	20
Fuga	21
Ilha do tesouro	22
O tempo da dança	23
Encontros	24
Tempo do beijo	25
A ferida do tempo	26
Pressa	27
Cantaora	28
O tempo da neve	29
Uma velha ciência	30
Ralucepse	31
Tempo do narrador	32
Vésperas	33
Efemérides	34
O tempo da poesia	35
Eternidade	37
Tapete	38
O regresso	39
A metáfora do coração	40

II
CALENDÁRIO LUNAR

Lua da nostalgia	45
Lua adormecida	46
Lua do pressentimento	47
Lua cheia	48
Beijasa marilyn nos espelhos	49
Lua da sibila	50
Lua da coincidência	51
O homem na lua	52
Lua do sonho	53
Lua da profecia	54
Lua dos deserdados	55
Lua do esquecimento	56
Lua na água	57

III
CALENDÁRIO ÍNTIMO

Primeira estação de amor	61
Festa das luzes	62
Carnaval	63
O nascimento de primavera	62



José Pulido Navas (Jaén, España, 1958). Poeta y periodista, responsable de la Unidad informativa de RTVE de Ávila. Es Premio Internacional de Poesía San Juan de la Cruz (2013), Premio Nacional de Poesía Luis López Anglada (2009) y Premio Internacional de Poesía Rafael Morales (2005). Ha publicado "Donde se escribe el silencio" (1983), "Viejos Rituales" (1988), "La Ciudad y la Reina" (2000), "Movimiento Circular" (2005), "El Corazón Disperso" (2005), "Los Enigmas de la Esfinge" (2010) y "La Línea de la Vida" (2013). Por "La Metáfora del Corazón" obtuvo el Premio Internacional de Poesía 'Pilar Fernández Labrador' (2016).